

# Book Review

---

**Baptista, Abel Barros, Clara Rowland, and Pedro Meira Monteiro, editors.**  
*Esse Aires*. Peixe-Elétrico Ensaios, 2020.

*Esse Aires* surge em formato eletrônico, reunindo as comunicações do encontro homônimo lisboeta de 2017 dedicado ao Conselheiro Aires. O título do livro é feliz ao retomar o dístico do capítulo XII de *Esau e Jacó*: o pronomes demonstrativo implicando distanciamento e a letra mais sinuosa do alfabeto condizem com a figura enigmática do protagonista machadiano tardio. Personagem autorizada em *Esau e Jacó* e autor personificado no *Memorial de Aires*, o Conselheiro é, como o palíndromo, legível em inversos sentidos. Ambos os romances se pautam, a nível formal e temático, por gestos de apagamento e truncagem. A tais gestos, a suas nuances e consequências, o conjunto de sete ensaios devota especial atenção crítica, embora, e dada a diversidade dos autores, seguindo configurações heterogêneas.

Abel Barros Baptista, autor de contribuições notáveis no âmbito da crítica machadiana, e Clara Rowland, especialista em Guimarães Rosa e literatura comparada, abrem o volume com o diálogo intitulado “I can not etc.”—menção ao verso de Shelley sucessivamente referido e mutilado pelo Conselheiro no *Memorial*. O debate é fecundo em assuntos que os ensaios subsequentes vão desdobrando através de um fio condutor que fomenta a heterogeneidade de visões. É ainda o texto que mais concretamente se aproxima de Aires na sua qualidade complexa de sujeito textual e social. Também organizador é Pedro Meira Monteiro, que conclui a série com o ensaio “Minados pelo tempo: o sujeito e o instante no *Memorial de Aires*,” em que retoma a questão do sujeito como paradigma de reflexão acerca da historicidade e possibilidade do sentido em literatura, questionando as suas implicações.

Considerando que Hélio de Seixas Guimarães sumaria exemplarmente cada um dos ensaios no Posfácio, opto pela explicitação dos anelos que indiciam um critério de continuidade no ordenamento do livro. Em “I can not etc.” problematiza-se a duplicidade daquele que o Editor declara, na Advertência, ter

sido o princípio estruturador do *Memorial*: o “mesmo assunto” poderia passar incólume a bordo da “leitura leve” (Monteiro 301) que parece sugerir a imagem do tempo morto na barca de Petrópolis. Mas o bote, oscilando entre recreio e tanatoscopia, pode causar enjoo—como atesta a epígrafe escolhida pela professora e ensaísta Joana Matos Frias: Drummond descreve “o estilo de Machado, principalmente no *Memorial*,” como “uma espécie de bocejo e de arroto choco em cada página” (83). O “mesmo assunto” encobre a oscilação entre o que transforma a narrativa em romance—o lado público, seguro, do Conselheiro—e o que a mantém um diário—a privacidade hesitante do autor e a escrita como tema. Em “A expressão sem nome,” as simetrias e o jogo entre as esferas pública e privada são encarados por Humberto Brito como ideias fixas machadianas. É dada resposta às contradições, notadas por Baptista e Rowland, entre falta de habilidade e pachorra que justificam a forma diarística e a repetição que a caracteriza. Aires, treinado no descortinar de estilos individuais e rimas do quotidiano, “no que lhe diz respeito, cortina-se” (81). A teatralidade dos personagens, vulneráveis à “consciência de si mesmos activada pela presença de terceiros” (76), reflete-se no estilo do *Memorial*, que indicia uma destinação contemporânea do ato de escrita; Aires inclui-se no rol dos possíveis destinatários do diário, leitor da própria interioridade, como observa Frias, prossequindo a senda estilística em “Das negativas: preterição e ventriloquacidade no estilo-Aires,” munida de humor e bisturi. Além de dissecar os gestos subtrativos do narrador, a autora realça o contraponto aditivo da escrita. Tal como a colagem, a paralipse é meneio recorrente, implicando o gasto de tempo e papel a enunciar aquilo que não refere. Assim, e apesar da intrínseca negatividade, contrasta com os princípios de contenção e depuração. Frias observa que a intertextualidade do *Memorial* é sobretudo de ordem poética. Amândio Reis desenvolve a questão da “poesia imanente” (135) do romance que considera ser “um livro *mórbido* em pleno sentido” (158), em “A vida é um ofício cansativo: biografia, escrita e apagamento em *Memorial de Aires*.”

Os dois ensaios seguintes alicerçam-se na crítica genética, observando tendências dos manuscritos autógrafos. Ariadne Nunes, em “‘Pare no D.’ Alguns nomes em *Esau e Jacó*,” aborda a posição machadiana face a uma questão cara aos escritores, o nome próprio, a partir de hesitações do autor e episódios que têm o nome como assunto. Luciana Antonini Shoeps descreve a escrita literária como “errância preponderantemente democrática” (262), realçando a

sobreposição de vozes no romance em que Aires é autor suposto, e em como as rasuras do manuscrito a acentuam, em “Aires e as rasuras do manuscrito de *Esauí e Jacob*: vozes sem pai e o defunto autor entre a literatura e a democracia.” Segue-se o último ensaio, já referido, em que Monteiro sublinha a materialidade do livro em detrimento da transcendência de um sentido final para a obra.

A fasquia da primeira metade do livro é elevada; os ensaios versam as facetas do Conselheiro e do *Memorial* de forma criticamente arguta e original. O distanciamento em relação a “esse Aires” vai-se agravando na segunda metade, em favor de elementos mais generalistas que, não deixando de ser literariamente pertinentes, divergem do cerne temático. Daí que seja clara a preterição de *Esauí e Jacó* enquanto objeto crítico, em favor do *Memorial*, apesar dos dois textos baseados nesse manuscrito autógrafa e de referências contrapontuais que surgem nos outros ensaios. Guimarães explica a preponderância do *Memorial* pelo facto de se tratar do romance “em que as relações entre Brasil e Portugal aparecem de maneira mais ostensiva” (308).

Escrito em língua portuguesa, por estudiosos portugueses e brasileiros, entusiastas da literatura brasileira e, em particular, de Machado de Assis, *Esse Aires* vai ao encontro de congéneres e curiosos, problematizando e ensinando, instigando ideias e respostas críticas. Além de que constitui, como afirma o especialista machadiano no compreensivo Posfácio, o “primeiro conjunto de ensaios dedicados exclusivamente aos escritos tardios de Machado de Assis” (307).

**Diana Duarte Ferreira**  
*Universidade Nova de Lisboa*